



CARTILHA DE FORMAÇÃO DE GRUPOS MÓDULO I

O TRABALHO HUMANO, HISTÓRIA DO CAPITALISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA





FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO :

JOÃO EDUARDO TANURI RODRIGUES HERMISDORFF
JTANURI@HOTMAIL.COM

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

THAMIRIS PILÓ MACHADO
THAMY.THAMY@GMAIL.COM

CAMPUS UNIVERSITÁRIO
BAIRRO PINHEIRINHO - ITAJUBÁ/MG
CEP 37500-903
TELEFONE: (035)3629-1288
INTECOOP@UNIFEL.EDU.BR
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
WWW.INTECOOP.UNIFEL.EDU.BR

APRESENTAÇÃO

Querido Leitor,
Educando ou Educador.

Receba em tuas mãos nosso programa
A instrumentalização de uma formação
Com a vista para a Auto-Gestão.

Um novo mundo se abre!
Percorrendo o caminho traçado por essas páginas
Entre palavras, figuras e didáticas.

Não se preocupe, estamos juntos
Construindo o que há de melhor
A mudança no mundo não tarda
Nossa Economia é Solidária!

João Tanuri

SUMÁRIO

I - CAPITALISMO

1 - O TRABALHO HUMANO	2
2 - MODOS DE PRODUÇÃO	7
3 - SURGIMENTO DO CAPITALISMO	11

II - ECONOMIA SOLIDÁRIA

1 - O QUE É ECONOMIA SOLIDÁRIA?	14
2 - PRINCÍPIOS GERAIS	17
3 - ORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA	18
4 - FORMAS DE ORGANIZAÇÃO JURÍDICA	19

O CAPITALISMO

1 - TRABALHO HUMANO:

O trabalho, assim como nós o chamamos, tem extrema importância nas nossas vidas. Desde muito cedo, a busca pelo trabalho começa a nos atormentar.



MAS POR QUÊ?

Possivelmente, você responderá que o trabalho nos dá condições de sobrevivência e que, sem o trabalho não conseguiríamos pagar nossas contas. Não satisfeito, você também nos diria que aquele que não trabalha é vagabunda, não quer nada com a dureza da vida.



MAS O TRABALHO
É SÓ ISSO?
UMA FORMA DE
PAGARMOS AS CONTAS?

O QUE É O TRABALHO?
SERÁ QUE JÁ PARAMOS
PARA PENSAR
SOBRE ISSO?

No século XIX, um filósofo alemão chamado **Karl Marx** escreveu teorias sobre o trabalho. Segundo ele, o trabalho é a transformação da natureza.

**MAS O QUE SERIA ISSO?
COMO ASSIM TRANSFORMAÇÃO
DA NATUREZA?**

Segundo Marx, o homem domina a natureza e a transforma naquilo que ele idealiza, colocando-a sob seu serviço.



POR EXEMPLO:

O homem necessita escrever para se comunicar com outros homens, portanto ele corta a árvore e a transforma em um lápis.



É claro que não é fácil transformar uma árvore em lápis. Muito tempo se passou para aprendermos a derrubar uma árvore e principalmente fabricar um lápis.

Antes disso, o homem primitivo se comunicava lascando pedras e pintando paredes das cavernas.

Para Marx, então, **todo processo de trabalho é um processo de transformação da natureza**, mas ao transformá-la, o homem também transforma a si mesmo. Assim, ao lascar uma pedra para escrever algo o homem se transforma e aprimora tanto sua escrita quanto o instrumento que ele utilizou.

EM OUTRAS PALAVRAS, O HOMEM APRENDE COM AQUILO QUE FAZ.

Cada vez que ele transforma a natureza no processo de trabalho, o homem é capaz de analisar as melhores formas de produção, o que dá certo e o que dá errado, aliando qualidade à quantidade e desenvolvendo novas tecnologias para suprir suas próprias necessidades.



É IMPORTANTE LEMBRAR QUE O HOMEM SÓ TRANSFORMA A NATUREZA DE ACORDO COM UMA NECESSIDADE QUE ELE TEM.

PORTANTO,

É a partir de uma necessidade objetiva/material que o homem cria seus instrumentos para supri-las.

OU SEJA,

Só existe lápis devido à necessidade de se comunicar.

ENTÃO A ABELHA QUE CONSTRÓI A SUA COLMÉIA TRANSFORMA A NATUREZA? E AS ARANHAS QUE TECEM AS TEIAS? O QUE DIFERE O HOMEM DESSES ANIMAIS?

A abelha pode dar um show de arquitetura construindo a mais bela colméia, mas não tem a capacidade de pré-idealizar e refletir conscientemente sobre o que está fazendo.

O trabalho, então, é a transformação da natureza para a satisfação das necessidades humanas. É condição para existência da sociedade e sua constante evolução. Ao transformar a natureza o homem se reconhece no seu produto e fica orgulhoso daquilo que fabricou. Ele enxerga o lápis e se reconhece no objeto que produziu, como se olhasse em um espelho.

Assim, o trabalho é **produtor de valor**, ou seja, produz objetos e utensílios que vão servir à humanidade para suprir determinada necessidade, e, portanto, é indispensável para a existência de sociedades.

A aranha ou a abelha transformam a natureza pelo simples instinto de sobrevivência. Não quer dizer que realizem processo de trabalho. O que difere o homem desses animais é a capacidade de, racionalmente, idealizar e visualizar seu produto em sua mente antes de materializar o seu trabalho.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:



- O QUE É O TRABALHO?

- POR QUE O HOMEM TRANSFORMA A NATUREZA?

- O TRABALHO GLORIFICA O HOMEM?

- O HOMEM SE RECONHECE NAQUILO QUE PRODUZ?



Reúne as características do trabalho, seja ele artesanal, manufaturado ou industrial, e constitui-se pelo objeto sobre o qual se trabalha e por todos os meios de trabalho necessários à produção (instrumentos ou ferramentas, máquinas, oficinas, fábricas, etc.)

2 – MODOS DE PRODUÇÃO

Modo de produção é a forma de organização socioeconômica associada à uma determinada etapa de desenvolvimento **das forças produtivas** e das relações de produção.

FORÇAS PRODUTIVAS SÃO AS FORMAS QUE UMA DETERMINADA SOCIEDADE TEM PARA TRANSFORMAR A NATUREZA, OU SEJA, AS FORMAS DE PRODUÇÃO DO TRABALHO.

MEIOS DE PRODUÇÃO SÃO O CONJUNTO DE MEIOS E OBJETOS DE TRABALHO: INSTRUMENTOS, FERRAMENTAS, INSTALAÇÕES, ESTRUTURAS, ETC.



O trabalho, ao mesmo tempo em que cria as sociedades, também é criado e modificado por elas. Assim, ao longo da história, o trabalho foi apropriado por diferentes formas de organização societária. Dentre elas podemos comentar as 4 principais:

O Primitivismo, o Escravismo, o Feudalismo e o Capitalismo.

PRIMITIVISMO

O modo de produção primitivo foi desenvolvido na pré-história, quando o homem ainda não produzia seu próprio alimento. Eram nômades que caçavam, pescavam, colhiam e dividiam os alimentos entre sua própria tribo (caracterizando uma produção de subsistência). Desta forma só produziam aquilo que poderiam consumir.

Com o advento da agricultura, os homens começaram a ter noção de território, se tornando sedentários. Desta forma surgiu toda uma divisão de trabalho: uns plantavam, outros trabalhavam nos moinhos, e alguns tinham a tarefa de defender as terras, formando os primeiros exércitos. A nova estruturação de sociedade instituída sob bases privadas e a conseqüente divisão social do trabalho, instituiu as classes sociais, a exploração do homem pelo homem e as lutas entre as tribos.

ESCRAVISMO

O modo de produção escravista surgiu na Grécia Antiga, e posteriormente foi o modo de produção transposto e praticado por todo o Império Romano. Com o surgimento da propriedade privada, houve um aumento das famílias nobres, tornando-se necessário mais terras e mais gente para trabalhar no cultivo. Esse problema, em parte, era resolvido com guerras de conquista: Guerreava-se com os povos vizinhos e as terras conquistadas eram repartidas entre os nobres. O povo derrotado era escravizado e se tornava propriedade do Estado, que a concedia aos nobres. Um cidadão não-estrangeiro também poderia se tornar escravo de alguém, se contraísse com pessoa uma dívida que não pudesse pagar. Assim, o trabalho passou a ser uma exclusividade dos escravos (apesar de haver pequenos camponeses livres).

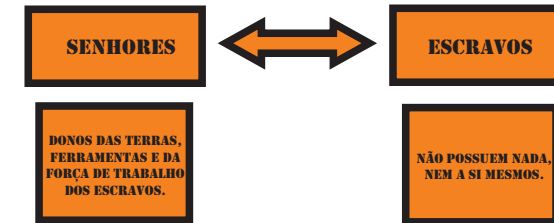
O trabalho escravo se tornou a base da economia dessa época.

CONVERSANDO SOBRE O MODO DE PRODUÇÃO ESCRAVISTA



O modo de produção escravista tem como base a mão-de-obra escrava e nos demonstra uma forte divisão em **classes**.

Uma classe social é um grupo de pessoas que tem status social similar segundo critérios diversos, especialmente o econômico.



Muitos proprietários, pressionados pelo medo de revoltas ou pelo desinteresse dos escravos em produzir, começam a achar vantajosa a entrega de um pedaço de terra em troca de uma parte do que se produzia. O sistema escravista começa a ser substituído por uma outra forma de exploração do trabalho humano: o feudalismo.

FEUDALISMO

No feudalismo ocorre uma grande transformação na organização não-escravista, porém poucas mudanças na exploração econômica e nas opressões políticas. Aqueles que antes eram senhores de escravos se tornaram senhores feudais, e os que pertenciam à classe de escravos se tornaram servos – presos às terras doadas por seus senhores, prestando total obediência. Os servos trabalham e produzem nesses pedaços de terra doados pelo senhor feudal, que expropria uma grande parte do que é produzido por seu servo. A sociedade feudal era composta por três grupos sociais com status fixo: **o clero, a nobreza e os camponeses**. A mobilidade social entre esses grupos quase não existia.

ASCENSÃO E QUEDA DO SISTEMA FEUDAL

O Feudalismo entra em ascensão na Europa a partir do ano 1000.

A exploração camponesa torna-se intensa, concentrada em certas regiões superpovoadas, deixando áreas extensas de espaços vazios. Surgem novas técnicas de cultivo, novas formas de utilização dos animais e das carroças.

Com as inovações no campo, a produção agrícola teve um aumento significativo e surgiu a necessidade de comercialização dos produtos excedentes. A partir do século XI, também há um renascimento do comércio e um aumento da circulação monetária, o que valoriza a importância social das cidades e suas comunas. Com o advento das Cruzadas, esboça-se uma abertura para o mundo, quebrando-se o isolamento do feudo e principalmente restabelecendo o comércio com o Oriente próximo.

A expansão do comércio criou novas oportunidades de trabalho, atraindo os camponeses para as cidades. Esses acontecimentos, aliados à formação dos exércitos profissionais, à insurreição camponesa, à peste, à falta de alimentos decorrente do aumento populacional e baixa produtividade agrária, contribuíram para o declínio do feudalismo europeu.

TRANSIÇÃO PARA O CAPITALISMO

Cresciam as rotas de comércio terrestres e as feiras de artesãos foram se transformando em pequenas cidades que eram chamadas de “burgos”.

Nos burgos começaram a surgir ricos comerciantes que eram chamados de “burgueses”. Assim, cresceu muito o número de artesãos que sofriam um duplo processo de exploração: os impostos e taxas exigidos pelo senhor feudal; e o controle sobre a produção dos ricos e poderosos burgueses. Podemos dizer que nesse momento histórico se esboça o nascimento da questão social, onde os artesãos começam a ficar endividados e caem na dependência total dos comerciantes burgueses.

Embora existisse essa dependência e exploração dos artesãos por parte dos burgueses, ambos tinham um interesse comum: acabar com os privilégios e a exploração exercida pela nobreza (representantes do sistema feudal), pois se convertiam em obstáculo ao desenvolvimento da produção e do comércio.

3 - SURGIMENTO DO CAPITALISMO

O crescimento do comércio, principalmente através das expansões marítimas (originando o descobrimento de novos continentes) foi um impulsionador do capitalismo. Os burgueses, que já controlavam o trabalho dos artesãos, passaram a organizar manufaturas.

Manufaturas são grandes oficinas onde os burgueses disponibilizavam matéria prima, instrumentos de produção e os artesãos trabalhavam em troca de um salário. Toda produção era de propriedade do burguês.

Temos aí duas grandes características do nascimento do sistema capitalista: A apropriação privada dos modos de produção e a exploração da força de trabalho assalariada.

No capitalismo o trabalhador não tem mais nada de seu, nem as ferramentas, nem o produto do trabalho. Tem apenas a sua força de trabalho para vender como mercadoria em troca de um salário. Era exatamente esta a situação de milhares de camponeses (e camponesas) expulsos da terra.





Foi na manufatura que também operou a divisão social do trabalho, onde cada trabalhador, através de uma tarefa simples, fazia apenas uma parte do produto final. Tal divisão do trabalho proporcionou um aumento enorme da produção, em comparação com o sistema anterior ancorado na produção artesanal. Na fabricação dos sapatos, por exemplo, havia alguns que faziam a sola, outros que costuravam, outros lixavam e assim por diante. Eles não se reconheciam mais no produto final de seus trabalhos.

O surgimento da máquina a vapor na Grã-Bretanha foi o passo que permitiu a transformação da manufatura em indústria. A chamada “**REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**”, nos séculos 18 e 19, foi o período de muitas invenções e descobertas: a eletricidade, a siderurgia, a ferrovia, etc. Em 50 anos de produção capitalista o mundo desenvolveu uma quantidade enorme de riqueza.

A partir da revolução industrial, a contradição **capital X trabalho** se tornou mais acirrada. Quanto mais se produzia, menos condições humanas possuíam os trabalhadores.

O QUE É CAPITALISMO ENTÃO?

O capitalismo é um sistema econômico e político que dividiu a sociedade em duas classes distintas: De um lado, os trabalhadores (as) que só POSSUEM a força de trabalho para vender em troca de um salário que muitas vezes mal dá para sobreviver. Do outro lado, os proprietários das indústrias, dos bancos, das terras, das ferramentas de trabalho, ou seja, os donos do capital.

Os trabalhadores vendem sua força de trabalho para o burguês, materializada em horas de trabalho por dia produzindo as mercadorias. Essas mercadorias são dos burgueses que as vendem no mercado. O valor final da mercadoria é a soma dos valores da matéria prima e da força de trabalho. Com um salário fixo e horas de trabalho determinadas, o trabalhador é capaz de produzir muito mais mercadorias do que ele propriamente vale. Essa diferença de valores se chama MAIS-VALIA, parte integrante do lucro do capitalista e responsável por manter a indústria sempre em crescimento. Com tais lucros, os donos do capital melhoram as suas fábricas, adquirem máquinas e outros meios de produção, para explorar mais trabalhadores (as), produzir mais mercadorias e conseguir mais lucros.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:



- O QUE FALAMOS SOBRE O TRABALHO, ENQUANTO RECONHECIMENTO HUMANO, PODE SER APLICADO NA SOCIEDADE CAPITALISTA EM QUE VIVEMOS HOJE?

- POR QUE É TÃO DIFÍCIL IMAGINAR O TRABALHO COMO ALGO PRAZEROSO QUE NOS TRAZ SATISFAÇÃO E RECONHECIMENTO?

- POR QUE O TRABALHADOR, COMO DIZ MARX, FOGE DO TRABALHO COMO FOGE DA PESTE?



A ECONOMIA SOLIDÁRIA

1 - O QUE É ECONOMIA SOLIDÁRIA?

O sistema capitalista desenvolveu, como vimos no capítulo anterior, de forma inigualável as forças econômicas, produtivas e tecnológicas da sociedade. Mas, em contrapartida, colocou milhões de pessoas em situações de miséria e vulnerabilidade social. Essas milhões de pessoas são trabalhadores destituídos de seus empregos e novas gerações sem acesso ao trabalho formal. No Brasil, a precariedade e informalidade do trabalho atinge mais de 50% dos trabalhadores (sem direitos trabalhistas e carteira assinada).

Nesse cenário, emerge uma nova forma de organização: a Economia Solidária. A Economia Solidária, fruto da organização dos trabalhadores, emerge como forma alternativa de manter economicamente ativo essa parcela vasta de trabalhadores desempregados e sub-empregados. Resgata práticas econômicas e sociais que de imediato propiciam a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida de milhões de pessoas. Ao contrário da economia capitalista, que trabalha sob o princípio da competição visando o lucro e a acumulação de riqueza e gerando um mundo dos desiguais, a Economia Solidária trabalha sob os princípios da solidariedade e valorização humana, colocando o ser humano como sujeito e finalidade das atividades econômicas.



CONVERSANDO SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA



Definição: Um conjunto de atividades de produção, distribuição, consumo e crédito para geração de trabalho e renda, baseada no trabalho coletivo, na cooperação, na autogestão e nas diversas formas de compartilhamento, buscando o benefício social e o cuidado com o meio ambiente.

Essas práticas privilegiam o desenvolvimento comunitário e sustentável, a promoção humana e a justiça social, a igualdade de gênero, raça e etnia, a democratização do acesso à informação e ao conhecimento.

A força de trabalho é coletiva. Os meios de produção são coletivos. Os bens e serviços produzidos são de controle e gestão coletiva dos participantes de cada empreendimento em questão.



QUEM FAZ PARTE DA ECONOMIA SOLIDÁRIA?

- organizações e grupos de crédito solidário;
- Grupos produtivos e/ou culturais informais, associações, cooperativas de produção, comercialização, de trabalho, de consumo solidário ou de serviços;
- cooperativas sociais (pessoas portadoras de necessidades especiais);
 - bancos populares e comunitários;
- fundos rotativos e cooperativas de créditos;
- redes de empreendimentos, produtores e consumidores;
 - grupos e clubes de troca;
- empresas e indústrias falidas recuperadas pelos trabalhadores, e auto-gestionárias; dentre outras.



A AUTOGESTÃO E O TRABALHO COLETIVO SÃO IMPORTANTES?

AUTOGESTÃO É A PRÁTICA DE GERENCIAMENTO DOS EMPREENDIMENTOS ONDE OS PRÓPRIOS TRABALHADORES FAZEM A GESTÃO.

A autogestão No sistema da economia solidária é imprescindível. Significa total controle dos meios de produção e gerenciamento pelos próprios trabalhadores, implicando a inexistência de um sistema autoritário e vertical simbolizado pela figura **patrão e empregado**. As relações são horizontais entre os trabalhadores, e as decisões são tomadas dentro de assembléias gerais, onde todos têm direito a voz e voto. O trabalho coletivo implica na dissolução da divisão do trabalho. Os postos de trabalho possuem os mesmos status, fazendo com que o rendimento do grupo seja igualmente dividido entre os participantes do mesmo grupo. O trabalho coletivo também propicia um fortalecimento das relações sociais e dos vínculos humanos e fraternos. Não há apropriação privada do trabalho e todos são donos da mercadoria produzida.



2 - PRINCÍPIOS GERAIS

De acordo com o documento aprovado na III Plenária Nacional da Economia Solidária realizada em junho de 2003, são princípios gerais da economia solidária:

- a valorização social do trabalho humano;
- a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica;
- o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade;
- a busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza;
- os valores da cooperação e da solidariedade.

A ECONOMIA SOLIDÁRIA CONSTITUI O FUNDAMENTO DE UMA GLOBALIZAÇÃO HUMANIZADORA, DE UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, SOCIALMENTE JUSTO E VOLTADO PARA A SATISFAÇÃO RACIONAL DAS NECESSIDADES DE CADA UM E DE TODOS OS CIDADÃOS DA TERRA, SEGUINDO UM CAMINHO INTERGERACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA QUALIDADE DE SUA VIDA.

- O valor central da economia solidária é o trabalho, o saber e a criatividade humana, não o capital-dinheiro e sua propriedade sob quaisquer de suas formas.
- A Economia Solidária representa práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.
- A Economia Solidária busca a unidade entre produção e reprodução, evitando a contradição fundamental do sistema capitalista, que desenvolve a produtividade mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios.
- A Economia Solidária busca outra qualidade de vida e de consumo, e isto requer a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.
- Para a Economia Solidária, a eficiência não pode limitar-se aos benefícios materiais de um empreendimento, mas se define também como eficiência social em função da qualidade de vida e da felicidade de seus membros e, ao mesmo tempo, de todo o ecossistema.
- A Economia Solidária é um poderoso instrumento de combate à exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades materiais e difundir os valores da solidariedade humana.

3 - ORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

O FBES (fórum brasileiro de economia solidária) nasce com as tarefas:

- articular e mobilizar as bases da Economia Solidária em todo país;
- realizar a interlocução junto ao governo federal, a outros movimentos sociais e a organizações internacionais.

A partir daí, o FBES passa a fomentar e a apoiar a criação e o fortalecimento dos fóruns estaduais de Economia Solidária. Esse processo, desenvolvido em parceria com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/MTE), leva à constituição de fóruns estaduais nas 27 unidades da federação. Em alguns Estados onde já havia um

processo maior de organização, os fóruns estaduais estimularam e apoiaram a construção de fóruns regionais e municipais. Esses fóruns tornam-se espaços de discussão e articulação, unindo empreendimentos, entidades de apoio e gestores públicos para o fortalecimento da Economia Solidária, possibilitando o debate sobre as suas demandas e perspectivas.

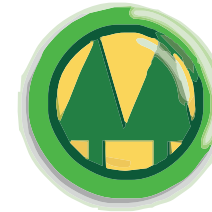


No caso de Minas gerais, abaixo do fórum brasileiro, somos regidos pelo fórum mineiro e por nosso fórum regional: O Fórum Sulmineiro de Economia Solidária.

Por questões organizacionais, subdividimos o Fórum Sulmineiro em 5 macro-regionais: Pouso Alegre, Alfenas, Passos, Varginha e Itajubá. as macros também são regidas por 5 coordenadores: 3 empreendimentos, 1 entidade de apoio e 1 gestor público.

4- FORMAS DE ORGANIZAÇÃO JURÍDICA

Os empreendimentos econômicos solidários, em sua maior parte, estão distribuídos em: **cooperativas, associações, grupos informais e outros.**



O MODELO COOPERATIVISTA

Cooperativa é um empreendimento formado e dirigido por um grupo de pessoas com interesses comuns, que têm o mesmo objetivo. dirigida com a participação de todos, ela é, portanto, um empreendimento **autogestionário**. Esse empreendimento é constituído para prestar serviços aos seus sócios, como por exemplo, vender a sua produção ou comprar insumos. Assim, os sócios do empreendimento eliminam os intermediários (atravessadores).

As cooperativas, dentre outras, podem ser de:

- PRODUÇÃO:** constituído por cooperativas em que os meios de produção, que são explorados pelos associados, pertencem à cooperativa. Os cooperados são o seu quadro social, funcional, técnico e diretivo.
- CONSUMO:** constituído por cooperativas de abastecimento cujas atividades consistem em formar estoques de bens de consumo (alimentos, roupas, medicamentos e outros artigos) para distribuição ao seu quadro social, em condições mais vantajosas de preço.
- CRÉDITO:** constituído por cooperativas que reúnem poupanças de seus cooperados para benefício destes, realizando empréstimos aos mesmos a juros mais baixos que os praticados pelos bancos comerciais.
- COMERCIALIZAÇÃO:** constituído por cooperativas que centralizam a comercialização da produção individual de cada cooperado.

O espaço mais importante de decisão coletiva em uma cooperativa é a **Assembléia Geral**. Todos os sócios do empreendimento são responsáveis pelas decisões. as decisões são encaminhadas a um grupo de dirigentes eleitos que executarão as tarefas determinadas pelo coletivo.



1. Variação do capital social;
2. Número mínimo de sócios (20);
3. Limite no valor da cota parte que cada sócio pode ter (um só sócio não pode ter mais de 1/3 das cotas partes);
4. Não pode transferir as cotas partes para terceiros;
5. Quórum mínimo para funcionamento de assembléia de deliberação (2/3 na primeira chamada, metade mais um na segunda chamada e 10 sócios na terceira chamada);
6. Direito de cada sócio a um só voto, independente da quantidade de cotas partes de cada um;
7. Distribuição dos resultados proporcionalmente ao valor das operações efetuadas pelo sócio com a sociedade;
8. Indivisibilidade do fundo de reserva entre os sócios;
9. Responsabilidade limitada dos sócios.

CARACTERÍSTICAS DAS COOPERATIVAS

5 PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM O COOPERATIVISMO

1 - ADESÃO VOLUNTÁRIA E LIVRE
As cooperativas são organizações abertas à participação de todos, independentemente de sexo, raça, classe social, opção política ou religiosa. Para participar, a pessoa deve conhecer e decidir se tem condições de cumprir os acordos estabelecidos pela maioria.

2 - GESTÃO DEMOCRÁTICA E LIVRE

Os cooperados, reunidos em assembléia, discutem e votam os objetivos e metas, bem como elegem os representantes que irão administrar O GRUPO.

3 - PARTICIPAÇÃO ECONÔMICA DOS MEMBROS

Se a cooperativa é bem administrada e obtém uma receita maior do que as despesas, esses rendimentos serão divididos entre os sócios. O restante poderá ser destinado para investimentos, sempre de acordo com a decisão tomada na assembléia.

4 - AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA

O funcionamento do empreendimento é controlado pelos seus sócios, que são os donos do negócio.

5 - EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

É objetivo permanente da cooperativa destinar ações e recursos para formar seus associados, capacitando-os para a prática cooperativista e para o uso de equipamentos e técnicas no processo produtivo e comercial.

ASSOCIAÇÕES

As Associações também podem ser coletivos solidários e de cooperação. Mas deve ser observado que, pelo Novo Código Civil brasileiro, as associações não devem ser entidades usadas para fins comerciais.

UMA ASSOCIAÇÃO NÃO PAGA IMPOSTO DE RENDA, DESDE QUE:

- não remunerere seus dirigentes;
- não distribua sobras/ganhos financeiros para seus associados;
- aplique suas rendas e patrimônio na realização dos seus objetivos.

PORQUE ASSOCIAÇÕES NÃO PAGAM IMPOSTO DE RENDA?

PORQUE SÃO UMA AÇÃO DA INICIATIVA PRIVADA QUE COMPLEMENTA O PODER PÚBLICO, VISANDO O BEM COMUM.

O Artigo 53 do Novo Código Civil Brasileiro define que Associações são constituídas “pela união de pessoas que se organizem para fins NÃO econômicos”, portanto as associações não se destinam a atividades que tenham finalidades econômicas, como a comercialização de bens ou serviços.

Todas as associações que adotarem a forma comercial (tendo como finalidade principal as operações de compra e venda de mercadorias) apesar do seu registro ser feito em cartório (registrando os estatutos) passam a ser reguladas pelas leis comerciais como as demais sociedades mercantis.

A atividade comercial de associações é irregular, porque esta não é a finalidade deste tipo de sociedade, e porque fica evidente o não pagamento de tributos, especialmente o Imposto de Renda.



RESUMINDO

AS VANTAGENS E DESVANTAGENS DE UMA ASSOCIAÇÃO SÃO:

- São iniciativas organizativas simples, fáceis de gerenciar e não exigem maiores obrigações, nem fiscais e nem tributárias;

- Podem se dedicar a muitos temas e linhas de atuação.

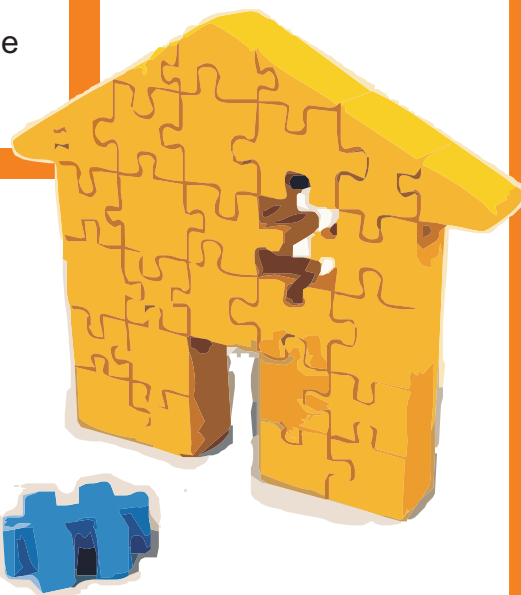
VANTAGENS:

DESVANTAGENS:

- As associações existem para a atuação na área de promoção e assistência social. Caso se dediquem a atividades econômicas passam a ser consideradas como sociedades empresariais e são obrigadas aos mesmos tributos e contabilidade que estas sociedades;

- As associações não podem distribuir entre os seus associados e associadas os ganhos obtidos com as operações realizadas, sob risco de estabelecimento de vínculo empregatício;

- As associações não conseguem buscar resultados econômicos que possam estabelecer projetos que viabilizem a melhoria das condições de vida dos seus integrantes.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:



- O QUE É ECONOMIA SOLIDÁRIA?

- QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE ECONOMIA SOLIDÁRIA E O CAPITALISMO?

- IDENTIFIQUE ONDE ESTÁ A ECONOMIA SOLIDÁRIA AO SEU REDOR.

